

ANNO VII
NUMERO 155

A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

SOCIEDADE DE CONCERTOS E ESCOLA DE MUSICA

Fundada em 1 de Julho de 1902

Séde: **Rua do Alecrim, 17**

Junto ao Caes do Sodré

Cursos nocturnos

As aulas abrem a 1 de outubro e fecham a 31 de julho.

A matricula geral começa a 15 de setembro continuando aberta todo o anno lectivo.

Curso completo do **Conservatorio Real de Lisboa** para ali se fazer exame e cursos da Escola para fazer ou não exame á vontade dos alumnos

PROFESSORES

*D. Rachel de Sousa, Frederico Guimarães, Marcos Garin,
Carlos Gonçalves, Francisco Benetó,
Augusto de Moraes Palmeiro, Guilherme Ribeiro, Wenceslau Pinto,
Rodrigues Béraud e Pedro José Ferreira*

Concertos de musica por grande orchestra de 80 executantes e audições de alumnos

F. HARTRODT

SEDE: HAMBURGO — Dovenfleth, 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

Hamburgo — Porto — Lisboa
Antuerpia — Porto — Lisboa
Londres — Porto — Lisboa
Liverpool — Porto — Lisboa

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — Hamburgo

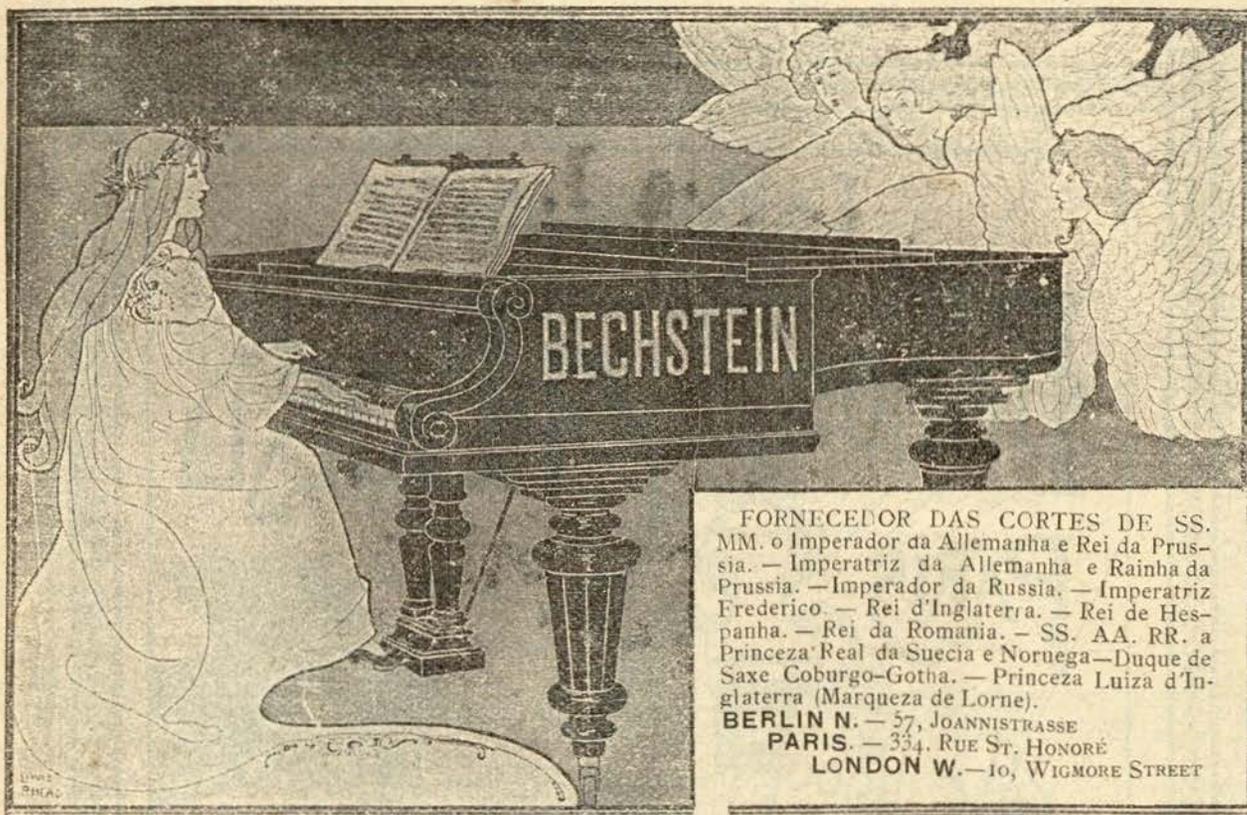


14^{bis} BOUL^d POISSONNIERE ^{J. Falte}

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000 pianos
Produção até hoje	100:0.0 »

Exposição Universal de Paris (1900)
 Membro do Jury Hors Concours



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico. — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Gotha. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
 BERLIN N. — 57, JOANNISTRASSE
 PARIS. — 334, RUE ST. HONORÉ
 LONDON W.—10, WIGMORE STREET



Lambertini

Fornecedor da **CASA REAL**

Representante e unico depositario dos celebres pianos

DE

C. BECHSTEIN

E. VIEIRA.

DICCIONARIO BIOGRAPHICO
 DE
 MUSICOS PORTUGUEZES

Edição ornada com magníficos retratos 2 volumes —

Brochados 4\$000,
 Primorosamente encad..... 5\$500

DICCIONARIO MUSICAL

(Ilustrado com numerosas gravuras e exemplos de musica) em brochura..... 1\$800

TRIDIGESTINA LOPES

Preparada por F. LOPES (Pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja dificuldade de digestão, Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL
 de F. Lopes

108, R. DE S. PAULO, 110—LISBOA



Revista publicada quinzenalmente

Redacção e administração

Praça dos Restauradores
43 A 49

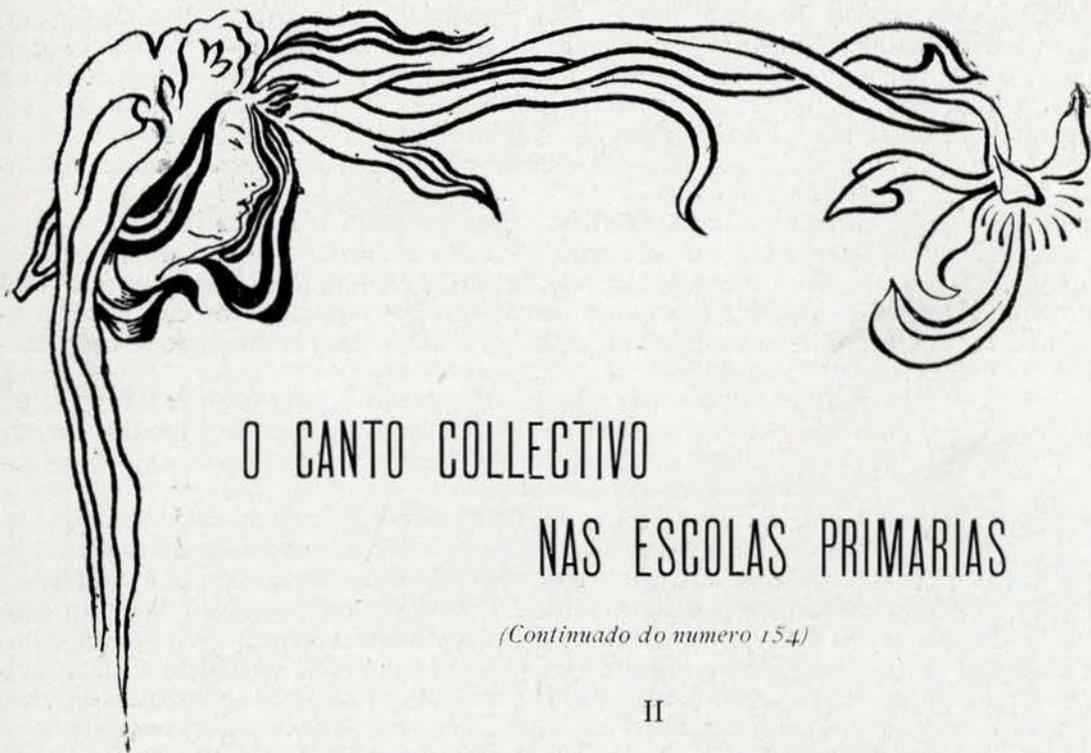
Proprietario e director

LISBOA

Editor

Michel'angelo Lambertini Typ. do Anuario Commercial—C. da Gloria, 3 Antonio Gil Cardoso

SUMMARIO: —O canto colectivo nas escolas primarias (continuação) —Rabeca ou rebecca? (continuação) —Notas vagas—Uma carta de Vianna da Motta—Concertos—No Museu do Carmo—Noticiario—Bibliographia—Necrologia.



O CANTO COLLECTIVO

NAS ESCOLAS PRIMARIAS

(Continuado do numero 154)

II

MORALMENTE, OS effeitos do ensino musical não são menos preciosos e as razões disso ligam-se intimamente com o paragrapho anterior. Em regra, tudo quanto eleva o espirito, eleva tambem a moral. Se com effeito as creanças se enchem de satisfação em ter a sua quota parte na manifestação de cousas que enlevam o espirito e a alma, hão-de fatalmente elevar-se a seus proprios olhos. E' notoria a salutar influencia que as associações vocaes e instrumentaes da França, Allemanha, Belgica, Suissa, etc., tem exercido nos costumes das populações, especialmente entre o operariado, estabelecendo uma confraternidade mais cordeal e fazendo empregar no estudo e nos ensaios o tempo que se gastaria nas tavernas. Essas associações, com as suas frequentes apresentações e concursos, obrigam a um estudo sério e persistente, que é um dos mais efficazes preservativos contra os perigos de alguns outros prazeres, por isso que, dando importancia aos seus componentes, os enche de brio e amor proprio sufficientes para os affastar dos maus caminhos. Foi esta uma das principaes razões que influiram para a inclusão do canto coral entre as materias obrigatorias dos programmas da instrucção primaria em todos os paizes civilisados, onde essas aggremações existem de ha longos annos, offerecendo os mais notaveis exemplos destas affirmações, cuja exactidão eu tive occasião de bem apreciar em differentes épocas, nas Exposições Universaes de Paris, e principalmente na de 1867, não sómente porque uma permanência de tres mezes naquella capital me permittiu investigar e examinar minuciosamente tudo quanto se relacionava com a parte musical da

Exposição, mas também porque, estando ainda a França nessa época em um *relativo* atraso, sob o ponto de vista deste artigo, torna-se por isso de maior pêsso a minha demonstração.

E, com effeito, se o grande numero de associações musicas (orpheons e phylarmonicas) que, da capital e das provincias, se apresentou nos concursos abertos pela commissão promotora da Exposição, attraheu sobre si, no mais alto grau, a estima e a sympathia publicas, não foi isso devido sómente ao brilhantismo das apresentações sob o ponto de vista artistico, aliás notabilissimo, mas também á exemplar conducta e composura de que sempre deu provas durante o tempo dessas festas. Não constou que fosse encontrado alguma vez, envolvido em disturbios, rixas, bebedeiras ou quaesquer outras scenas degradantes, um unico desses milhares de individuos que, além de se ufanarem do papel civilizador e artistico que representavam, também comprehendiam perfeitamente que *desordem, orgia e taverna*, são termos incompatíveis com *arte*. A imprensa parisiense, nos seus *comptes-rendus* da Exposição, bastantes vezes se referiu com jubilo a esse factão tão consolador e demonstrativo de civilisação.

E se isso já assim era ha 38 annos, pode-se bem imaginar o que será hoje, com a enorme diffusão do ensino do canto nas escolas primarias e elementares dos dois graus, nas escolas normaes, donde naturalmente saem os educadores para aquellas, nas escolas regimentaes, e até em algumas superiores! Tudo isso, junto ás iniciativas particulares, tem exercido uma enorme influencia sobre os costumes e civilisação das populações, assim como também entre nós já a tem exercido o grande numero de phylarmonicas espalhadas por todo o paiz, onde quasi não se encontra uma povoação, por mais insignificante, que não possua pelo menos uma.

Seria um trabalho deveras curioso a elaboração de uma estatistica indicativa desse numero de phylarmonicas e de quantos sejam os seus componentes, para então bem se avaliar o enormissimo numero de horas empregadas *util e civilizadoramente* por esses tantos milhares de homens que, talvez (ou quasi certamente), as empregariam em outros prazeres, mais ou menos prejudiciaes á bolsa, á saude, á *moralidade*, e, em todo o caso, menos uteis á sociedade.

Porque não enceta o meu amigo esse trabalho, tão digno da *Arte Musical*?

Parece-me que não seria cousa de difficil realisação, pois de toda a parte lhe dariam gostosamente a informação pedida, habilitando-o assim a um resultado, se não rigorosamente exacto, ao menos muito aproximado da verdade.

Infelizmente, a arte coral, apesar de ser a mais importante manifestação da *musica popular*, entre nós não existe *em absoluto* nas camadas inferiores, e *quasi nada* se tem desenvolvido nas superiores. No paiz só ouvi um notavel orpheon, o dos academicos de Coimbra, por occasião do centenário de Camões. Esse grupo orpheonico, dirigido com superior proficiencia e desvêlo, por um academico de pujante vocação artistica, que poderia ter hoje um aureolado renome artistico no paiz e fóra d'elle, se não se tivesse deixado seduzir pela politica, preferindo as inglorias luctas desta ás luctas gloriosas da arte, esse grupo, repito, teria dado um vigoroso impulso á arte coral, se não durasse tão pouco tempo, (como infelizmente não dura entre nós qualquer boa iniciativa musical), e teria por certo, conseguido o estabelecimento permanente e tradicional do canto coral na Universidade, podendo com certeza os estudantes, já de ha annos, rivalisar com aquelles maravilhosos orpheons dos estudantes scandinavos que se apresentaram na Exposição de 1878, e que tão grande entusiasmo despertaram na capital da França.

Fóra desse grupo, ainda não ouvi outro em Portugal. Consta-me que ha no Porto uma boa sociedade orpheonica, que nunca tive o ensejo de ouvir. Mas, *coros populares*, é cousa que por cá não temos, sendo isso certamente devido á falta do exercicio do canto na escola primaria. Nos paizes em que a instrucção musical é exigida a todos os educadores da infancia, o canto tornou-se de facto parte integrante do ensino primario, ou porque a lei tenha tornado o seu ensino obrigatorio, ou porque o uso e costume tenha sancionado o seu emprego disciplinar e esthetico. E' o que succede na Allemanha, na Austria-Hungria, na Suissa, na França, na Dinamarca, na Suecia, na Noroega, na Russia e na America do Norte. O resultado é que a população inteira torna-se musical, e que a execução coral verdadeiramente artistica é uma cousa vulgar nesses paizes, tanto nas cidades como nos campos. Quem tiver atravessado os Alpes suissos ou austriacos, de certo terá encontrado alguns daquelles numerosos grupos de ceifeiros, entoando os seus bellos córos, a 2, 3 e 4 partes, com tal rigor de entoação e de rythmo, tal bom gosto e tão grande expressão artistica, que seguramente seriam applaudidos em qualquer grande concerto das grandes cidades.

Pois bem! se isto é assim (e é, na verdade), saiamos deste marasmo, tente se alguma cousa do que em outras nações já se tentou, com tão bons resultados, cultive-se o gosto da musica na infancia, diffunda-se o seu ensino por todo o paiz, e dentro de um certo numero de annos obteremos resultados analogos. O povo portuguez não é rebelde aos encantos da musica, e as phylarmonicas dão uma cabal prova disso.

DISCIPLINARMENTE, tambem as vantagens do canto são obvias; basta que esse ensino exerça tão poderosa acção sobre o sentimento *moral*, para que tambem a exerça sobre o sentimento *disciplinar*; sem moral não ha disciplina. Além disso, as creanças, habituando-se aos rythmos regulares e symetricos da musica, ás respirações convenientemente indicadas, á attenção que devem dar a quem as dirige, vão inconscientemente ganhando um sentimento instinctivo de ordem, de medida, de regularidade, que as faz ter amor á escola, aos exercicios de que o canto faz parte e aos seus educadores. D'ahi a disciplina.

(Conclue).

EMILIO LAMI

ERRATA. — Na parte d'este artigo, publicada no numero anterior, 2.^a pagina e linha 22.^a, onde se lê phrases *longas*, deve lêr-se phrases *largas*.

RABECA OU REBECA?

INTERROMPI-ME no numero anterior com uma promessa — a de transcrever uma carta ha pouco recebida e duplamente interessante, pelo nome que a firma e pelo esclarecimento que vem trazer a este problema philologico.

O professor Benoliel é, como todos sabem, um erudito leccionista de linguas orientaes e profundo conhecedor de historia antiga; d'ahi a subida auctoridade que ninguem pode contestar lhe e a importancia especial que temos de ligar ao seu depoimento.

Transcrevo portanto a carta na integra.

Lisboa, 23 de abril de 1905.

Senhor e Amigo

A differença vocalica entre *rabab* e *rebab* é mais apparente que real, com quanto a segunda forma, seja, como transcripção, mais exacta que a primeira. O arabe não tem signal distinctivo do *e*, e só tem um (') para o *a* longo ou breve. O *a* é longo quando, além d'este signal, concorre na syllaba uma letra muda, geralmente o *alif* (1.^a do alphabeto); neste caso pronuncia-se como o nosso *a* aberto. E' breve e vale tanto como o nosso *e* surdo, quando a syllaba não contem o *alif*. E' o caso de *rebab*, que litteralmente se escreve *rbáb* ou *rbábá* (sendo este ultimo *a* differente alphabeticamente do primeiro), mas que é vocalisado com o signal do *a*: *r'báb*, lendo-se *rabab* em estylo apurado e *rbáb* em linguagem corrente.

O *rebab* é ainda usado pelos arabes. E' um

instrumento tosco, composto de uma caixa de madeira ou de abobora sica coberta de coiro. Tem só duas cordas curtas, o cavalete muito alto, e é tangido com um arco muito curto em forma de meia circumferencia. Tem um som baixo e rouco.

Não sei como da palavra *rebab* resultou *rebec* ou *rebeca*: custa-me a comprehender que o *b* se transformasse em *c*, mas é o que vejo por ahi dizer a todos, e não me acho com forças para entrar na discussão.

O que é certo é que os mouros chamam á *rebeca*, á verdadeira, *kamanja*, e é tradição, entre os de Marrocos pelo menos, que este instrumento fóra importado da Europa, explicando elles o nome *kamanja* como formado de duas palavras *kamán já*: tambem *veiu*, o que significaria que, á falta de outro appellativo, ficara a este novo instrumento como nome a expressão que acudiu aos labios dos que o viram pela vez primeira.

A'cerca das formas *rabab*, *rebel*, *arrabil*, nada posso dizer, não estando documentado para o caso, e desconhecendo estes vocabulos ou outros similares em *arabe*. Só em hebraico conheço a palavra *nebel* com a significação de *viola* ou cousa analoga. O *n* permuta-se facilmente com o *r*.

E', por ora, tudo o que me occorre em resposta á sua estimada carta. Reservo-me para dar-lhe quaesquer outras explicações que mais adiante puder encontrar sobre esta materia, e, ficando sempre com todo o gosto ao seu dispôr, assigno me

De V.

Mt.^o att.^o cr.^o, amigo e admirador

J. BENOLIEL

Pondo de parte a hypothese de uma origem biblica, que a propria estructura do *nebel* me obriga a regeitar (1) temos agora como positivo que a graphia *rebab* é mais exacta e correntia do que *rabab*.

Ora está averiguado e são quasi todos os auctores concordes em que o *rebab* dos arabes se transformou directamente nas *rubebas* da idade media, como o *al'-ud* e a *kuitra* originaram o *alaúde* e a *guitarra* e como do *dof* e do *tabil* nasceram *adufes* e *timbales*.

Mas o que é muito para notar-se é a completa semelhança da *rubébe* de Guilherme de Machault, poeta e musico do seculo xiv (2) com o *rebab* dos mouros d'Africa; o numero das cordas, a afinação, a extensão da escala e a maneira de collocar o instrumento são em tudo identicas (3) e para mais frisar pela analogia do nome a semelhança do objecto, até diversos escriptores d'esse tempo lhe chamaram *rebébe* e *rebelle* (4).

O nome porém que mais se generalizou em França e em outros paizes é o de *rebec* e *rebek*.

Aymeric de Peyrac, poeta do seculo xiii que foi dos primeiros a adoptar o termo, como significado ou como variante de *rubébe*, diz que é instrumento de sons agudos, como vozes de mulher :

Quidam rebecam arcuabant

Quasi muliebrem vocem configentes.

Mas o certo é que o *rebec*, algo aperfeiçoado no seculo xv, chegou a penetrar no palacio dos reis e dos senhores e a ter grande voga durante os dois seculos seguintes.

O apparecimento do violino é que lhe vibrou um rude golpe; escorraçado pelos musicos de maior nomeada, foi parar ás mãos dos jograes e menestreis de baixa cathogoria e nunca mais se levantou (5).

*

Na península hispanica houve sempre uma tendencia para mudar o *e* em *a*. Já o arcepreste de Hita, poeta hespanhol do seculo xiv, se referia ao *ravé gritador con su alta*

nota, querendo descrever a sonoridade secca e desagradavel do *rebab*.

Rabel ficou sendo em Hespanha o nome definitivo do instrumento em questão.

Santa Rosa de Viterbo, (e não Sousa Viterbo, como diz o meu erudito correspondente) cita no seu optimo *Elucidario* não sómente *rebel*, mas tambem *rabel*, *rabil* e *arrabil*, sendo esta ultima designação assaz vulgar na linguagem poetica e archaica.

Só em Portugal e Hespanha é que a palavra se acceitou com o *r*, *a*; em mais parte alguma se encontram vestigios de tal costumbre (1).

Porquê?

Pensar que o violino primitivo se acantonasse na nossa peninsula, em principios do seculo viii, por occasião da invasão arabe, para depois se propagar d'aqui para todos os outros povos europeus, é uma conjectura que não deve desagradar por certo aos partidarios de *rabeca*. Mas que bases temos para apoiar esse argumento?

A nossa guitarra, tão portugueza, tão *exclusivamente* portugueza, não nos vinha da Inglaterra, nos primordios do seu fabrico?

Não é tambem possivel que o *rebec* nos fosse trazido pelos trovadores e menestreis da idade media?

Pelo menos é natural que quando appareceu o verdadeiro violino, em meados do seculo xvi, se lhe tivesse dado o nome do instrumento que mais se lhe approximasse, pela estructura e pelo relativo apuro da construcção. E' bem mais acreditavel que tivesse voga e preferencia o *rebec* europêu, com os melhoramentos que lhe foram introduzidos em paizes mais cultos e tal como o vemos nas pinturas de David Gérard (2) e de Fra Angelico (3) e não o grosseiro *rebab* ou *rabab* mourisco, que não era decerto mais apurado ha 12 longos seculos do que o vemos hoje na mão dos humildes tangedôres de Marrocos e de Tunis.

E se nos veiu do norte, que razão haveria para se transformar a radical etymologica do vocabulo?

*

Com os elementos que ahi deixei apontados n'essas breves notas e com o exame minucioso dos documentos que me cumpria compulsar para mais largo esclarecimento da questão, poderia talvez considerar a palavra *rebeca*, como mais vernacula e mais

(1) O *nebel* ou *nablo* dos antigos hebreus pertence á familia das harpas.

A analogia apontada pelo sr. Benoliel existe só portanto na nomenclatura.

(2) : — Vem citada no seu poema *Li Temps pastour*.

(3) : — A dedilhação é que diverge um tanto, porque os orientaes nunca empregam o dedo minimo nos instrumentos de cordas.

(4) Eustache Deschamps, Jehan Molinet e outros.

(5) : — No principio do seculo xix ainda se empregava na Bretanha um tosco violino popular, com o nome de *rebec*.

Na Grecia existe ainda sob a designação de *lyra* e na Russia sob a de *gudok*.

(1) Ernesto Vieira, no já citado dictionario, dá-nos a par de *rabeca*, — *rebeca*, *rebequim*, *rebequinha*, etc.

(2) : — *A Virgem e as Santas* no museu de Rouen.

(3) : — *A Coroação da Virgem* no museu do Louvre.

d'accordo com a remota origem do instrumento. Tal é porém a consideração que me merecem as affirmativas do sr. visconde de Sanches de Frias e tão respeitáveis me parecem as suas citações, que não posso ainda fugir á perplexidade em que antes me encontrava.

Ha comtudo um argumento do meu illustre amigo, que não logra convencer-me, apesar de toda a minha boa vontade. Desejo referir-me aos varios significados do vocabulo, pela forma como eu o escrevi no modesto artigo, que deu origem á presente palestra.

Effectivamente *rebeca* é vela de navio e é enxergão de palha; *Rebeca* era tambem a mulher de Isaac. E que nos prova isso? Pois o facto de ter a palavra mais de um significado, é razão para a proscrevermos da lingua portugueza?

Na terminologia musical conheço eu muitos vocabulos que estão n'essas condições e ainda ninguem pensou em pô-los de parte ou alterar-lhes a graphia, com o simples intuito de evitar confusões. E lembro me já dos seguintes: — *accidente, alma, arcada, banda, bilros, bombardas, boquilha, bordão, canto, clarão, concerto, contratempo, coral, cravo, ponto, temperamento, timpano, timbre, tromba, viola, violeta* e não sei quantos mais.

E' certo porém que o facto de não ficar de pé esse argumento, mesmo no caso que o erudito philologo me queira fazer tal concessão, não vae de modo algum reforçar a argumentação opposta

E de todas as formas me empenho em deixar consignado que não ha, nem podia haver do meu lado a pretensão de contradizer asserções tão positivas e tão auctorisadas como são as do sr. visconde de Sanches de Frias; o que desejei foi mostrar que a algum principio obedeci quando escrevi *rebeca* e acima de tudo afastar do pobre revelador as responsabilidades que desta vez lhe não cabiam e que o sr. visconde quiz desviar da minha humilde pessoa, com tão requintada cortezia.

LAMBERTINI



O coração humano é um livro que não se lê facilmente, e quanto mais profundos são os sentimentos que comtém mais difficeis de seguir são as ramificações d'elles.

BERLIOZ



CARTAS A UMA SENHORA

LXIV

De Lisboa

Ha certamente na conhecida lei do rythmo, tão bem estudada por Spencer, estranhas e mysteriosas passagens que ainda hoje não apprehendemos bem, e que porventura tornam inintelligiveis ao nosso espirito certos episodios e phenomenos sociaes que, apparentemente dissonantes e imprevisitos, decerto obedecem no fundo a essa lei e que só baralham as noções assentes pela incompleta e deficiente comprehensão em que ainda estamos da structura ideal do mundo, o qual, como todos presentimos, não é, não pôde ser a resultante mechanica de um mero acaso.

Assim, esse colossal e tragico duello que lá ao longe continua entre um enorme paiz *cadaverisado* e um grande pequeno povo trasbordante, sendo aos olhos de tantos uma lamentavel solução de continuidade na harmonica integração da Ordem, quem sabe, se em virtude da tal lei do rythmo não constitue a final a mais bella, a mais rica a mais expresiva fórma da acção d'ella sobre os homens e sobre as coisas!

E' claro que espiritos de nobre envergadura e larga projecção proclamam, em attitudes de illuminados e em gestos de prophetas, que n'esse conflicto de raças que alem se trava um perigo surge formidando e inevitavel — o chamado perigo amarello; mas naturalmente, os que se encontram da banda de lá do estreito, persistem em dividir outro a que tambem julgaram do seu dever oppor-se, e a que sem duvida chamaram já — o perigo branco...

D'onde o havermos de viver pouco os que não virmos ainda o *perigo vermelho*, que já com effeito existe, e é virtualmente identico, conseguindo-se assim em breve termo todas as côres do espectro isto sem sequer citar o *perigo negro*, por demais sabido.

E note a minha amiga que ha gente para dizer e gente para acreditar estas enormidades varias, e apenas o que vae faltando é havel-a egualmente para fazer mais do que chorar pelos milhares de victimas que a barbarie, o egoismo, a hypocrisia, e sobretudo a ignorancia selvagem, mesmo encadernada em diplomas ou revestida de insignias, cynicamente vão fazendo em nome de formulas occas, de idolos vãos, de abstracções inanes...

Emfim, as *Frequencias*, que é como eu

designo o que segundo os protocolos se designa por *Potencias*, essas representantes ostensivas da tão calumniada civilização, talvez agora no que toca á questão russo-nipponica, se decidam a ir pensar no caso, e lá para o fim do verão ou meados do inverno, póde ser que se entendam sobre a maneira de — continuar a chacina...

Isto pelo que diz respeito ás grandes questões; restam depois alguns miudos — mas d'esses lá diz o dictado que o pretor não cura.

*

E aqui tem a minha amiga em que se nos consome o tempo e como nos entretemos occupando o espaço.

N'este intervallo, é claro, cada recanto da terra vae refflorindo alegre e deixa germinar as arvores e reverdecer os campos; creanças nascem, e rosas e cravos abrem, tilintam gargalhadas e marulham canticos, e o Amor prosegue no mundo a sua marcha alacreante e viva, pondo em cada coração uma esperança, em cada olhar um desejo...

Por aqui, por exemplo Junho prepara-se para accender fogueiras e queimar alcachofras, e ao som dolente das guitarras vozes frescas de raparigas, vozes varonis de rapazes, mais uma vez entoarão a eterna canção da vida entre beijos e entre juras, enquanto no alto a lua espreita ou o sol sorri...

Alguns, aquelles em cuja alma o sonho ou a poesia entrou, vêem partir com saudade essa deliciosa e tão musical mulher que é pelo nome Italia e da Italia nos falou na sua lingua encantadora e unica; outros não menos sonhadores talvez mas porventura mais sensacionistas e exuberantes, de sangue mais rubro e de imaginação mais viva, enviam tambem um vehemente *adios* á Taberner ou á Imperio, a Nadal ou a Muñoz, enquanto, o resto, e meia duzia de fieis, assistem no Coliseu ao desfilar vibrante das volatas e rondós que ainda lhes alimentam os ouvidos ingenuos e os appetites simples.

Aqui e ali, n'um lar amigo, ou n'uma recatada estancia uns raros se embrenham nas paginas mais complicadas e mais altas da outra musica, a que no geral se chama a musica massadora, e ainda os ha que n'um serão quieto e intimo, lêem versos e prosas de gente nossa ou estranha, e assim nos vamos enganando todos cada um com a nossa illusão e com a alheia, e por tal modo creando tambem ou ajudando a crear, a universal illusão d'onde viemos e para onde iremos.

Ah! Querida amiga, é bem possivel que tenham rasão os pessimistas, e não valha a pena viver; mas, desde que cá estamos, es-

forcemo-nos por *bien jouer notre rôle*; e para, quanto mais não seja, amenisar a paisagem da existencia, que nem sempre se nos depara risonha, ponhamos dentro d'ella e de nós toda a bondade de que nos seja licito dispôr; em compensação a alegria virá e se não ella, a doce conformidade com os factos e com as idéas.

Não se lhe affigura a melhor fórma de ainda, apesar de tudo, ir aguardando os dias e esquecendo os annos?

AFFONSO VARGAS.



UMA CARTA DE VIANNA DA MOTTA

Veiu-nos essa carta no dia seguinte á partida do grande artista para Berlim e apesar de lhe termos promettido, na ignorancia do seu conteúdo, a publicação de «uma carta, que nos havia de ser remettida», foi tal a nossa hesitação perante assumpto tão inesperado e perante palavras tão benevolas e para nós tão nimamente honrosas, que a carta... não se publicou.

Compreenderão todos os que nos conhecem. Não houve falsa modestia e muito menos o desejo de nos fazermos preciosos ou rogados: o que houve tão sómente foi o receio de que alguém pudesse vêr mal, n'estas columnas, o elogio do proprio... dono da casa.

Mas Vianna da Motta acaba de nos chamar á ordem com o seguinte postal:

Berlim, 6 de junho de 1905.

Meu caro amigo e Sr. Lambertini

Acabo de receber o numero do seu jornal *Arte Musical* de 31 do passado mez que muito me commoveu e de coração agradeço. Mas vejo que não publicou a minha carta que lhe dirigi a 19 de maio. Peço-lhe que a publique, com esse fim a escrevi, por desejar dar-lhe um testemunho publico da minha gratidão e admiração. E aqui continuo ao seu dispôr.

J. VIANNA DA MOTTA

Ahi vae portanto a carta:

Sr. Michel'angelo Lambertini.

Lisboa

Meu caro amigo

O desinteresse com que v. já por repetidas vezes se tem dedicado aos artistas que visitam Lisboa, e especialmente a mim, inspi-

ra-me tal admiração e reconhecimento que desejo do coração dar-lhe publicamente uma prova d'isso.

Não só os artistas que gozam do seu auxilio inestimavel e indispensavel lhe devem agradecer, como de facto agradecem (ainda ha pouco Ysaye me falou com louvôr da sua pessoa), mas tambem o publico de Lisboa lhe deve agradecer, por v. facilitar a vinda de artistas á qual se deve já uma sensível espiritualisação do gosto no publico.

Agradeço-lhe, pois, commovido pela abnegação com que se occupou dos meus ultimos concertos n'esta cidade.

Creia-me sempre

Seu amigo dedicado e grato

Lisboa, 19 de maio de 1905

JOSÉ VIANNA DA MOTTA



Se bem que tardiamente, não queremos deixar de alludir ao concerto realizado pela *Real Academia dos Amadores de Musica*, em 30 do mez passado, pois foi dos mais brilhantes que a prestimosa instituição tem realizado este anno.

A pequena harpista, D. Hilda King, deu um especial realce a este concerto tocando a solo varias peças de Thomas, Bovio e Goddefroid e fora do programma a *Serenata* de Braga; em todas ellas teve a encantadora menina uma larga copia de applausos e de flores.

A orchestra, por incommodo de saude do maestro Goñi, foi ensaiada e regida pelo sr. marquez de Borba, que mais uma vez mostrou profundos conhecimentos musicas e uma indiscutivel auctoridade para o bom desempenho de tão escabrosa missão. A abertura do *D. João*, a quarta *symphonia* de Beethoven, as *Erynnies* de Massenet, o *Minuetto* de Boccherini e outras obras que o distincto amator dirigiu não só lhe deram verdadeira gloria, mas mostraram quanto pode esta orchestra conseguir com um bocado de boa vontade e com uma regular assistencia aos ensaios.

Na peça de Massenet teve occasião de brilhar o solista de violoncello, sr. Manoel Silva, cujos progressos se fazem gradualmente sentir e a quem felicitamos pela sua

tenacidade no trabalho e pelos notaveis resultados do seu esforço.



Por noticias recebidas directamente do Porto, sabemos que o concerto Caggiani-Quilez-Blanco, realizado em 31 no salão do *Gremio Commercial*, teve um exito muito satisfatorio.

Cita o nosso obsequioso informador com especial elogio o pianista Pedro Blanco, que muito se distinguiu no *Concerto* de Beethoven, nomeadamente no primeiro movimento e na cadencia.



Nada nos encanta mais que o espectáculo da mocidade estudiosa, trabalhadora e disciplinada. São as forças do futuro, já subordinadas a principios sadios e ordenados, mas tão palpitantes de seiva e entusiasmo, tão exuberantes de vida e de fogo, que nos sentimos irresistivelmente consolados dos desanimos d'este quotidiano labutar e profundamente crentes no proximo renascimento das forças despauperadas d'hoje.

Esse espectáculo, suggestivo ao ultimo ponto, foi-nos offerecido pelas *Officinas de S. José* na tarde de 4 d'este mez, com uma *academia musico-litteraria* em que, além da numerosa e bem ensaiada *Banda*, tivemos occasião de ouvir varios alumnos recitando poesias, outros tocando solos instrumentaes, outros cantando côros — todos evidenciando a solida e bem orientada educação que ali se ministra e a sapiente e zelosa direcção d'aquelles bons padres, a cuja santa missão, toda doçura e paz, vem a nota d'arte acrescentar um novo primor.

O pretexto da festa era encantador — a disribuição de premios aos alumnos mais bem comportados e mais estudiosos; o local escolhido era de molde a predispôr-nos o espirito para um tranquillo optimismo — uma vasta cêrca, lá nas culminancias da Lapa, assombreada por frondosas arvores e debruçada sobre um pedaço de Tejo, luminoso e bello...

E' uma fundação deveres sympathica esta das *Officinas de S. José* e o rev. Pietro Cogliolo, que superiormente as dirige, um benemerito, de rarissima modestia, que tem sabido pôr no desenvolvimento da piedosa instituição todo o esforço de que é capaz um espirito tão elevado como o d'elle.

Quanto ao rev. Concina, que tem a seu cargo a direcção musical dos educandos, é um artista do mais puro quilate, verdadeiramente notavel no órgão e profundo sabedor de harmonia e theoria musical.

Na parte musical da sessão, dirigiu com grande auctoridade e segurança os grupos instrumental e coral, sendo coadjuvado n'este ultimo, pelo illustre e talentoso professor-pianista, o sr. Hernani Braga.



Outra festa de juventude, igualmente encantadora, foi a que na tarde de 7 se effectuou no *Collegio Inglez*, por iniciativa da illustre professora, sr.^a D. Palmira Rangel Baptista Mendes.

O programma, excessivamente longo para aqui ser transcripto, pois contava nada menos de 28 peças, foi excellentemente desempenhado pelas alumnas da eminente leccionista; em todos os graus de adeantamento, e havia-os muito variados, evidenciaram as discipulas de madame Mendes a salutar orientação artistica que preside aos seus trabalhos e os proficuos resultados d'uma leccionação tão conscienciosa quanto diligente.



O conceituado e intelligente professor Francisco Bahia prosegue pontualmente nas audições semanaes que se propoz realizar para apresentação das suas melhores discipulas.

A sessão de 2 do corrente teve o seguinte programma:

I

<i>Romance</i> , n.º 26.....	Mendelssohn
D. JUDITH DO NASCIMENTO	
<i>Für Elisa</i>	Beethoven
D. FERNANDA B. PEREIRA	
<i>En automne</i>	Tschaikowski
D. MANOELA MOREIRA	
<i>Menuet</i> , op. 14.....	Paderewski
D. EMILIA GONÇALVES	
<i>Nocturne</i> (posthume).....	Chopin
D. FERNANDA A. FREITAS	
<i>Thema com variações</i>	Beethoven
D. MARIANNA GONÇALVES	
<i>Nocturne</i> , op. 9-II.....	Chopin
D. FERNANDA V. DE SÁ	

II

<i>Romance</i> , n.º 10.....	Mendelssohn
D. MARIA JOSÉ GONÇALVES	
a) — <i>Repos d'amour</i>	Henselt
D. THEREZA BOMFIM	
b) — <i>Impromptu</i> , op. 90-II.....	Schubert
<i>Sonata</i> , op. 14.....	Beethoven
D. LUCILIA E. PEREIRA	
<i>Rapsodie hongroise</i> , n.º 6.....	Liszt
D. JULIA PAULO	

A audição do dia 9 não foi menos brilhante e bem escolhida, como se pode vêr pelo programma seguinte:

I

<i>Tema con variazioni</i>	Haydn
D. ESTHER DA SILVA GOUVEIA	
5.º <i>Nocturno</i>	Field
D. SARAH SOBRAL	

<i>Au ruisseau, etude</i>	Schütt
D. LAURA C. CUNHA	
<i>Pastorale variee</i>	Mozart
D. SARAH CORREIA	
a) <i>Menuet</i>	A. Machado
D. MARIA ADELAIDE SANTOS	
b) <i>Petits jeux</i>	"
a) <i>Fuga</i>	Bach
D. BEATRIZ S. GOUVEIA	
b) <i>Etude</i>	Chopin

II

<i>Sonata</i>	Mozart
D. OLYMPIA GOMES DA SILVA	
<i>Scherzo</i> , op. 31.....	Chopin
D. ESTHER D. AMANCIO	
<i>Fantasia</i> , op. 18.....	Hummel
D. LUIZA M. JORDÃO	
<i>Capriccio brillante</i>	Mendelssohn
D. MARIA C. ALVES	
e no piano de acompanhamento	
D. JULIA CARREIRA	



E como esta quinzena parece exclusivamente consagrada a audições de alumnos, fecharemos, em Lisboa, com o sarau de 10, em que a *Real Academia de Amadores* fez uma apresentação tambem de alumnos, que revestiu notavel interesse e brilhantismo e foi acceteito com grande entusiasmo pelo numero publico que a ella concorreu.

Evidenciaram-se com singular aproveitamento diversos alumnos das aulas de canto, piano e violino.



Nos dias 11 e 13 realisaram ainda duas audições de alumnos os professores portuenses Roncagli e Moreira de Sá.



Effectua-se amanhã o 5.º concerto da *Real Academia de Amadores de Musica*, sendo ainda director da orchestra o illustre amator, sr. Marquez de Borba.

Na proxima quarta feira dá a mesma Academia um outro sarau de alumnos.



Depois de amanhã, 17, ha no salão do Conservatorio um concerto em homenagem ao distincto artista Alfredo Mantua, regente da Tuna Academica da Escola Polytechnica.

O concerto é organizado por uma comissão, de que faz parte a direcção da referida tuna.



O 7.º concerto da *Sociedade de Musica de Camara* n'esta epoca, teve ainda de ser transferido, pelo doloroso motivo que enlutou a distincta pianista, sr.^a D. Elisa Pedroso, que n'elle devia tomar parte.

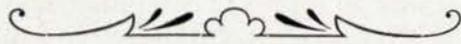
O programma teve de ser inteiramente refundido, ficando agora constituído com as seguintes obras :

<i>Trio</i>	Beethoven
PARA INSTRUMENTOS D'ARCO	
<i>Sonata (5.^a)</i>	Beethoven
PARA PIANO E VIOLINO	
<i>Quinteto</i>	Mozart
PARA INSTRUMENTOS D'ARCO	

Prestou-se gentilmente a tomar parte n'esta audição, que terá logar a 19, a eximia pianista sr.^a D. Ernestina Freixo.

O seguinte e ultimo concerto d'esta epoca terá por executantes os illustres professores Oscar da Silva, Francisco Benetó e Augusto de Moraes Palmeiro, sendo o programma o seguinte :

<i>Sonata</i>	Beethoven
PARA PIANO E VIOLINO	
<i>Introduction et allegro capriccioso</i>	Schumann
PARA PIANO SÓ	
<i>Trio (à la memoire d'un grand artiste)</i>	Tschaïkowski
PARA PIANO, VIOLINO E VIOLONCELLO	



NO MUSEU DO CARMO

Entre os interessantissimos objectos que se acham expostos no museu do Carmo, tão valiosos para o estudo da archeologia portugueza, ha 15 instrumentos de musica, chinezes, que foram offerecidos áquelle museu pelo fallecido conde de S. Januario.

Não teem grande valor historico esses instrumentos e sobretudo não veem nada a proposito, ali, entre os percutores e as raspadeiras da idade da pedra; são quasi todos modernos e vulgarissimos. No emtanto não podemos deixar de lastimar que estejam tão mal expostos—apinhados em uma *vitrine* baixa, onde mal se veem e por tal fórma *atirados* uns para cima dos outros, que em breve estarão completamente destruidos.

Se houvesse entre nós um museu instrumental, como ha em toda a parte, estamos convencidos que a illustre *Associação dos Architectos e Archeologos*, a quem julgamos pertencem esses objectos, se resolveria facilmente a cedel-os, visto não poder, nem valer a pena, ter um conservador affecto a essa especialidade.

Emquanto porém se não pensa em fundar um museu *ad hoc*, parece que se impõem umas ligeiras reparações n'aquelles pobres abandonados e a remoção para uma *vitrine* onde melhor vista façam. Verdade seja que n'uma casa aberta a todos os ventos, onde a pardalada vem chilrear e fazer ninhos, não

é facil ter *vitrides* e muito menos ter... instrumentos musicos; mas, se bem nos lembra, essa mesma pequena collecção de instrumentos exóticos já esteve em tempos melhor arrumada e melhor exposta.

Não crêmos portanto que seja difficil, com um pouco de boa vontade, attender ao nosso pedido; mais difficil se nos affigura que o governo, ou quem quer que seja, se lembre um dia de lançar os olhos para aquelle recanto, onde se accumulam tantas riquezas do passado, e cogite que não seria de todo mal empregado um punhado de tostões para tapar aquelles buracos e melhorar um pouco aquellas installações.

Um povo que não cuida na arte, e especialmente na sua propria arte, é um povo morto.



DO PAIZ

Deve chegar a Lisboa em principios de julho o applaudido cantor portuguez D. Francisco de Sousa Coutinho, de regresso da America do Norte.

Durante a sua longa permanencia em algumas das principaes cidades americanas, tomou parte em grande numero de concertos, sendo sempre escutado com o maior interesse e apreço. A sua esplendida voz de barytono foi ali considerada como *phenomenal* e levava sempre numerosa concurrencia a todos os concertos em que o nosso illustre compatriota tomava parte.



Tem estado entre nós um dos mais notaveis peritos em violaria que hoje se conhecem, o sr. Albert Hamma, de Stuttgart.

Farejando os bons instrumentos com uma rara finura, conhecendo a fundo os traços característicos não só de cada escola, mas mesmo de cada fabricante, Albert Hamma quasi que adivinha a procedencia o instrumento que lhe é apresentado, com uma simples inspecção, feita ás vezes a alguns metros de distancia.

A viagem do sr. Hamma a Portugal teve por principal intuito a acquisição de instrumentos de boa marca e se não logrou ainda fazer avultadas compras, não tem sido á mingua de bons desejos; as melhores peças estão na mão de amadores, que se não resolvem a deixal-as.

Ha no emtanto diversos instrumentos que o tem encantado, podendo citar-se entre outros o *Stradivarius* do Paço, o *Montagnana* de Henrique Sauvinet, o *Guadagnini* de José Carneiro, o *Roggerius* de Bettencourt Vasconcellos, o *Santo-Serafino* de Cecil Mackee, o *Gaglianus* e o *Vuillaume* de Augusto Gershey, o *Galvão* de José Relvas, etc.

Albert Hamma, socio da firma Hamma & C.^a, negoceia em larga escala em instrumentos de grandes auctores. Entre os melhores specimens de violinos, que annuncia no seu luxuoso catalogo, vemos *Stradivarius* a 15, 25 e 40:000 marcos, *Guarnerius* a 14 e 36:000 marcos, *Bergonzi* a 15 e 25:000 marcos, *Guadagnini* a 6, 8 e 14:000 marcos e muitos outros instrumentos de alto valor.



Ha pedidos para os numeros 6, 9, 59, 124, e 135 da nossa revista, que se acham esgotados. Compram-se n'essa administração.



Na festa de caridade que em 3 do corrente se effectuou no theatro da Rua dos Condes, mereceu especiaes elogios dos artistas e amadores, a forma deveras notavel como o sr. P.^o Borba ensaiou os *Coros populares*, que ali se exhibiram n'essa noite.

Foi, ao que nos dizem, o *clou* da noite.



A mesa da *Real Irmandade de Santa Cecilia* convocou os seus irmãos para a reunião annual, em que pelos dizeres do compromisso, se deve eger nova mesa Devia ter lugar a 11 essa reunião, mas por falta de numero ficou transferida para hoje, 15, deliberando-se, conforme a lei, com qualquer numero de irmãos presentes.



Dizem-nos que tem feito progressos no estudo do canto em Italia os nossos compatriotas, tenor Julio Camara e barytono Alvaro Baptista.

O primeiro, que tem trabalhado sob a direcção de Cesare Rossi, já preparou varias operas, *Tosca*, *Bohème*, *Lohengrin*, *Rigoletto* e *Fausto* e parece que debutará ainda este anno em um dos theatros de Milão

Quanto a Alvaro Baptista, tem tido lições do maestro Scutini e julga-se que tambem fará uma boa carreira artistica.

DO ESTRANGEIRO

As representações mysticas de Oberammergau, sob a invocação da Paixão de Christo, terão lugar de junho a setembro e compor-

tarão nada menos de 18 audições. Tomarão parte 500 artistas e entre elles 32 cantores e 40 musicos.

Os espectaculos começam á uma hora e meia e terminam ás seis, havendo apenas um intervalo de quinze minutos.



Affirma-se que o papa Pio X tenciona mandar construir no Vaticano uma grandiosa sala destinada á execução das oratorias de Lorenzo Perosi.

Será inaugurada com a primeira audição de um novo trabalho do mestre, feito expressamente para essa circumstancia.



O pequeno Miccio, que ouvimos ha tempos no D. Amelia, está agora em Paris. Deu um concerto no *Vaudeville*, onde parece ter agradado, com o devido desconto ás imperfeições naturaes em tão minusculo pianista.



Representou se ultimamente em Praga, uma opera nova, *Marioara*, com poema de Carmen Sylva, rainha da Romania, e musica de Cosmovici e Schmeidler.

Dizem os jornaes que a opera obteve um completo triumpho.



Teem sido mais satisfatorias as noticias sobre a saude do grande pianista Paderewski.

Os medicos americanos affirmaram que a viagem por mar para a Europa e algum tempo de repouso seriam sufficientes para o seu completo restabelecimento. Effectivamente Paderewski regressou a Londres e encontra-se melhor.



No theatro Sarah Bernhardt (Paris) está fazendo successo o compositor Giordano. Nada menos de tres operas suas se cantam agora ali — a *Siberia*, o *André Chenier* e a *Fedora* em que o nosso conhecido Caruso tem sido alvo de grandes ovações.



O *comité* encarregado de erigir em Paris a estatua de Beethoven, a que nos referiamos em um dos numeros anteriores, sollicitou a praça do Trocadero para a collocação do monumento, mas foi-lhe negada pelo municipio parisiense.

O peor de tudo, a nosso vêr, é que siga por diante um projecto, que, como belleza esculptural e como concepção, não tem cousa alguma que o recomende.



As representações do *Parsifal* organisadas em Amsterdam terão logar no fim d'este mez, sob a direcção de Henri Viotta.

A interprete do papel de Kundry será Felia Litvinne, universalmente conhecida como a primeira e mais notavel cantora wagneriana da actualidade.



O nosso conhecido violoncellista Popper celebrou ha pouco tempo o seu jubileu, quarenta annos depois da sua primeira estreia em publico.

David Popper é actualmente, como se sabe, professor do Conservatorio de Budapesth.

Esteve entre nós em 1882 com o violinista Emile Sauret e o pianista Karl Stasny, realisando com esses artistas uma curta serie de audições, sob o nome de *Concertos austriacos*.



Collocou-se ha pouco em Roma, no predio 79 da *via del Babuino*, uma placa commemorativa, designando que n'elle residiu Riccardo Wagner durante a sua permanencia em Roma, em 1877.



Em Londres, vendeu-se ha pouco por 22:500 francos um esplendido violino de Guarnerius del Gesù, que é contemporaneo de Paganini e igualmente bello.



Em Sheffield, grande centro da cutelaria ingleza, será dado em outubro proximo um festival, dirigido por Felix Weingartner.

O programma comprehenderá o *Requiem* de Mozart, a *Missa em si* de Bach, a *Heroica* de Beethoven, o *Messias* de Haendel, *Damnation de Faust* de Berlioz e muitas outras obras.



Um dos jornaes estrangeiros dá-nos uma grande novidade.

Tratando de pessoas reaes, que cultivam a musica, diz que Sua Alteza o sr. D. Afonso, infante de Portugal, é um distinctissimo flautista!

Essa não sabemos nós!



A sociedade dos compositores de musica francezes põe a concurso um *Quarteto* para

piano e cordas, com o premio de 500 francos, uma *Fantasia* para piano e orchestra, com 500 francos, uma *Ave Maria* para barytono e côro a tres vozes, tendo igualmente o premio de 500 francos, a musica de scena para o *Amphitryon* de Molière, com o mesmo premio, e finalmente a *Historia da Sonata* com 200 francos.

O concurso é reservado exclusivamente para os compositores francezes.



Sob o titulo de *Observations d'un musicien américain* recebemos ha pouco uma interessante brochura, firmada por Luiz Lombard, o musico-mecenas de quem demos o anno passado alguns apontamentos biographicos no nosso n.º 139.

Luiz Lombard, cujo maravilhoso castello de Trevano é o encanto e a peregrinação de todo o artista que viaja pela Suissa italiana, dispõe não só de valiosos recursos de fortuna, mas, o que é talvez melhor, de um grosso cabedal de talento e de uma proficiencia artistica verdadeiramente rara em quem não faz da arte um modo de vida.

Além de compositor fecundo é tão notavel como director d'orchestra que fez exclamar uma vez a Saint-Saëns, apoz a execução de um trecho symphonico que acabava de dirigir magistralmente: — «Quel admirable chef d'orchestre vous faites! Comme j'aimerais jouer sous votre bâton!»

Taes palavras, pronunciadas pelo principe dos musicos francezes, é o melhor elogio que um artista pode ambicionar!

O maestro Lombard nasceu em França, mas educou-se na America, cuja nacionalidade adoptou e onde conseguiu obter uma colossal fortuna.

As notas interessantissimas de que está recheiado o seu livro mostram-nos o estado de atrazo artistico em que ainda se encontram os Estados Unidos da America septentrional; reflectem-se n'ellas as aspirações estheticas do auctor, de envolta com a magna de as ver tão despercebidas no seu paiz d'adopção.

E a par das palavras de acerba critica com que o opulento castellão de Trevano se compraz em castigar a incuria artistica dos seus compatriotas americanos, não é raro que lhes propine o remedio, com um bom conselho ou com um salutar incitamento.

E' um livro cuja propaganda se impõe como uma necessidade, sobretudo no paiz a que foi particularmente consagrado.

Agradecemos a offerta de um exemplar.



Em 3 d'este mez, finou-se na Covilhã o sr. conselheiro Antonio Pedroso, pae do nosso querido amigo o dr. Alberto Pedroso, e sogro da notavel concertista amadora, a sr.^a D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso (Carnaxide) a quem enviamos a expressão do nosso sincero pesar.

Era o extincto um dos mais illustres juriconsultos do paiz e desempenhara importantes funcções publicas, taes como as de governador civil no districto de Castello Branco, conservador do registo predial, director geral das contribuições directas, presidente da camara municipal da Covilhã, etc. Tinha 64 annos de idade.



No mesmo dia falleceu o sr. Luiz Antonio Ferreira, bemquisto proprietario do estabelecimento de instrumentos musicos, sito na rua Nova do Almada, 118, e antigo professor de musica.

Apesar de ter abandonado ha bastantes annos a profissão da arte, cultivou-a com dedicação e com exito e notabilisou-se entre collegas e amigos não só pela lhanesa do seu trato e pela sua auctoridade artistica, mas ainda pelas excellencias de um character simpathico a toda a gente.

Eis os factos que marcam mais salientemente a sua vida de artista.

Nasceu em 16 de novembro de 1831. Asentou praça no antigo *Batalhão da Carta*, tocando corneta de chaves; passou depois para a extincta *Banda da Marinha*, onde tocava cornetim e d'esta para a *Banda da Guarda Municipal*, de Lisboa, de que era então regente o maestro Soller.

Reformou-se com mais de 22 annos de serviço militar.

Pertenceu á orchestra do theatro de S. Carlos desde a regencia de Guilherme Cos-

soul até ao ultimo anno da empreza Freitas Brito; n'esta orchestra tocou primeiramente cornetim e depois trompa.

Fez tambem parte da orchestra da Real Camara, entrando por concurso, no ultimo que se fez para a admissão de musicos effectivos.

Em 27 de agosto de 1851 foi nomeado socio do *Montepio Philarmonico*, sendo á data do fallecimento o numero 5 d'antiguidade e 298 de matricula.

Foi tambem socio da *Associação dos Professores de Musica*, antigamente *24 de Junho*, e tanto n'esta sociedade como no montepio exerceu por differentes vezes varios cargos na Direcção.

Em 1886 fundou na Calçada do Combro, n.^{os} 72 e 74, sob a firma social de Luiz Ferreira & C.^a um estabelecimento musical, cuja especialidade consistia na reparação e fabrico de instrumentos de latão. Passando-o em março de 1892 para a rua Nova do Almada, imprimiu-lhe maior desenvolvimento, abastecendo-o de instrumentos musicos de toda a especie, de forma a assegurar uma boa e numerosa clientella.

Luiz Ferreira, depois de ter sido um distincto artista, foi um honrado commerciante. E' portanto, um morto que merece, e de sobejo, a consideração e o respeito dos que ficam.

Recebam pois os seus filhos Eduardo e João, tambem distinctos professores de musica, a affirmação do nosso sentimento e da nossa condolencia.

Fallecimentos no estrangeiro

Charles Turban, professor de clarinete no Conservatorio de Paris. Nascera em Strasburgo, em 30 d'outubro de 1845, tinha obtido o seu primeiro premio em 1865 e foi durante longo tempo solista da Opera e da Sociedade de Concertos.

Ernst Pauer, pianista de nomeada que esteve estabelecido em Londres desde 1851 até 1896, como professor da Royal Academy of Music. Falleceu com 79 annos em Darmstadt.

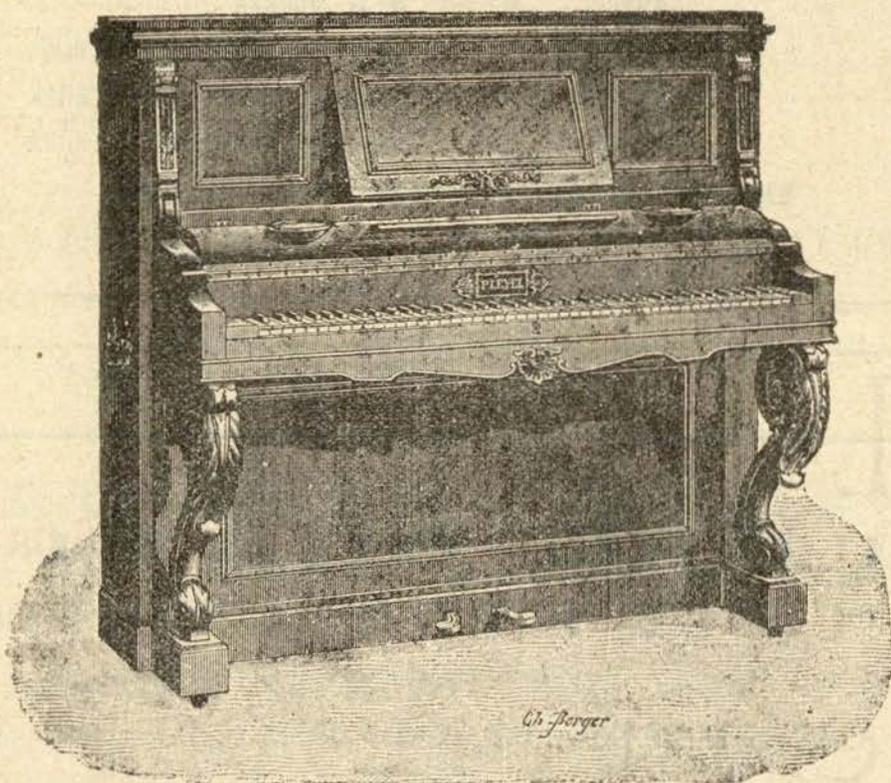
Fritz Sennwald, director d'orchestra muito apreciado em Bruxellas. Ha annos que se tinha retirado da vida artistica, por motivo de doença.

Max Steuer, critico allemão e auctor de varias obras de litteratura musical. Como redactor do «Signale» e de outras folhas artisticas teve occasião de evidenciar as suas tendencias anti-wagnerianas. Era um fanatico admirador de Schumann.

Carl Komzak, compositor e chefe d'orchestra, auctor de varias operetas muito estimadas, falleceu de desastre em Baden.

PLEYEL WOLFF LYON & C^{IE}

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS



Harpa chromatica sem pedaes
(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL
(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor : — ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra
Presidente do jury (classe 17) da Exposição de Paris — 1900

AUGUSTO D'AQUINO
Agencia Internacional de Expedições
SUCCURSAL DA CASA
CARL LASSEN, HAMBURGO

Serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

Por via de Hamburgo pela casa Carl Lassen
» » » Anvers » » O. W. Molkau
» » » Liverpool » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Londres » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Havre » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

EMBARQUES PARA O ESTRANGEIRO E COLONIAS

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

Rua dos Correeiros, 92, 1.º

CARL HARDT
FABRICA DE PIANOS—STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não construe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições: —Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

GRANDE ESTABELECIMENTO MUSICAL

* * * * * LAMBERTINI * * * * *

FORNECEDOR DA CASA REAL

ENORME SORTIMENTO DE MUSICAS

PARA TODOS OS INSTRUMENTOS

Musica para canto. Musica de camara e de orchestra

REPRESENTANTE DOS EDITORES FRANCEZES

EDIÇÕES ECONOMICAS

De Ricordi, Peters, Breitkopf, Litloff, Steingraber, etc.

PARTITURAS DE OPERAS

ANTIGAS E MODERNAS * * *

PARA PIANO E PARA CANTO

CURSOS

DO REAL CONSERVATORIO E DA REAL ACADEMIA

DE AMADORES DE MUSICA.



HARMONIUMS AMERICANOS * REBECAS * FLAUTAS * BANDOLINS
* GUITARRAS * OCARINAS * VIOLAS FRANCEZAS E HESPANHOLAS

METHODOS E MUSICAS para todos os instrumentos

Accessorios

Alamirés

Metronomos

LEITURA MUSICAL POR ASSIGNATURA

500 RS. MENSAES

PEÇAM-SE CATALOGOS E SUPPLEMENTO

* * * PAPEL DE MUSICA FRANCEZ * * *

— DE —

SUPERIOR QUALIDADE

Especialidade em cordas italianas

* * * para violino, violoncello, rabeção, harpa, etc. * * *

43, 44, 45, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 47, 48, 49

LISBOA

PROFESSORES DE MUSICA

- Adelia Heinz**, professora de piano, *Rua do Jardim á Estrella, 12.*
- Alberto Sarti**, professor de canto, *Rua Castilho, 34, 2.º*
- Alexandre Oliveira**, professor de bandolim, *Rua da Fé, 48, 2.º*
- Alexandre Rey Colaço**, professor de piano, *R. N. de S. Francisco de Paula, 48.*
- Alfredo Mantua**, professor de bandolim, *Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º*
- Andrés Goni**, professor de violino, *Praça do Principe Real, 31, 2.º.*
- Antonio Soller**, professor de piano, *Rua Malmerendas, 32, PORTO*
- Beatriz Fino d' Oliveira**, professora de piano, *R. do Alecrim, 65, 1.º*
- Carlos Gonçalves**, professor de piano, *R. da Penha de França, 23, 4.º*
- Carlota Tatti Machado**, professora de canto, *R. S. Bernardo, 16, 2.º*
- Carolina Palhares**, professora de canto, *Rua dos Poyaes S. Bento, 71, 2.º*
- Eduardo Nicolai**, professor de violino, *informa-se na casa LAMBERTINI.*
- Ernesto Vieira**, *Rua de Santa Martha, A.*
- Francisco Bahia**, professor de piano, *R. Luíz de Camões, 71.*
- Francisco Beneto**, professor de violino, *informa-se na casa LAMBERTINI.*
- Guilhermina Callado**, prof. de piano e bandolim, *R. Paschoal Mello, 133, 2.º, D.*
- G. E. Mellor Coutrel**, prof. de piano e composição, *R. dos Industriaes, 29, 3.º D.*
- Irene Zuzarte**, professora de piano, *Rua José Estevam, 17 r/c.*
- Isolina Roque**, professora de piano, *Travessa de S. José, 27, 1.º, E.*
- João E. da Matta Junior**, professor de piano, *Rua Garrett, 112.*
- Joaquim A. Martins Junior**, professor de cornetim, *R. das Salgadeiras, 48, 1.º*
- José Henrique dos Santos**, prof. de violoncello, *R. S. João da Matta, 61, 2.º*
- Julietta Hirsch**, professora de canto, *R. Maria, 8, 2.º D.*
- Léon Jamet**, professor de piano, órgão e canto, *Travessa de S. Marçal, 44, 2.º*
- Lucila Moreira**, professora de musica e piano, *T. do Moreira, 5 r/c.*
- M.º Sanguinetti**, professora de canto, *Largo do Conde Barão, 91, 4.º*
- Manuel Gomes**, professor de bandolim e guitarra, *Rua das Atafonas, 31, 3.º*
- Marcos Garin**, professor de piano, *C. da Estrella, 20, 3.º*
- Maria Margarida Franco**, professora de piano, *Rua Formosa, 17, 1.º*
- Octavia Hansch**, professora de piano, *Avenida de D. Amelia M. L. r/c.*
- Paulina Stegner Judice**, prof. de piano e canto, *Portas S.º António, 109, 3.º E.*
- Philomena Rocha**, professora de piano, *Rua de S. Paulo, 29, 4.º E.*
- Rodrigo da Fonseca**, professor de piano e harpa, *Rua de S. Bento, 47, 2.º E.*
- Victoria Mirés**, professora de canto, *Praça de D. Pedro, 74, 3.º, D.*

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49 — LISBOA